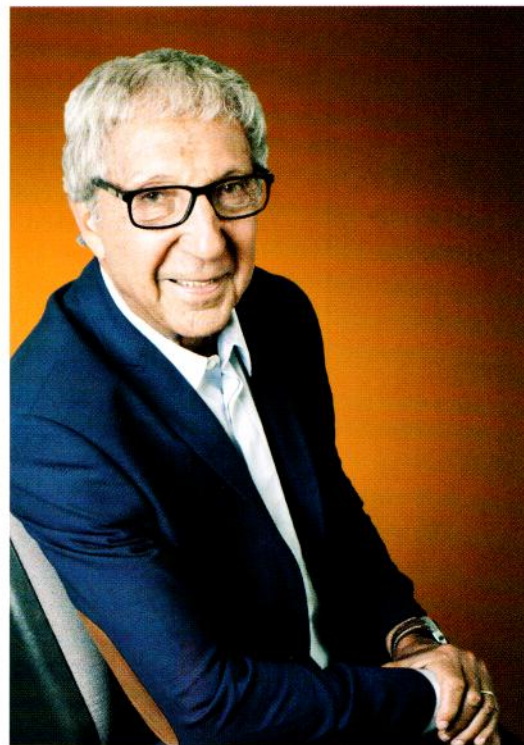


“Eu não tenho sonho não realizado, senão teria realizado”, afirmou Abilio Diniz, no final de 2014, em uma entrevista exclusiva à FORBES Brasil. A frase, emblemática, define bem o estilo determinado, disciplinado e agressivo de um dos mais admirados e comentados empresários brasileiros. Após perder o controle do Grupo Pão de Açúcar e deixar o negócio, Diniz deu a volta por cima e surpreendeu o mercado ao comprar ações da BRF, companhia resultante da fusão da Sadia com a Perdigão. Em pouco tempo, foi eleito presidente do conselho de administração da gigante dos alimentos e deu início a uma revolução marcada pela chegada de Cláudio Galeazzi, o famoso CEO da reestruturação, à companhia. Mudanças importantes foram feitas na operação e, cerca de dois anos depois, o lucro da BRF explodiu. Para quem pensa que Diniz parou por aí, outra surpresa chacoalhou o mercado. O empresário que se fez no varejo supermercadista comprou, nos últimos meses, 2,4% das ações do francês Carrefour e ganhou um assento no conselho da filial brasileira. No dia 9 de abril, uma novidade: o empresário dobrou sua participação, passando a deter 5,07% do capital social do Carrefour S.A. O movimento foi feito por sua Península (*investment office* da família de Diniz, que administra mais de R\$ 10 bilhões em ativos), que hoje ocupa a posição de quarto maior acionista da companhia francesa, após os grupos Arnault e Motier (família Moulin) e do fundo de investimento Colony Capital. Há quem diga que a ambição de Diniz não para por aí, embora a Península garanta não ter a intenção de aumentar ainda mais sua participação no Carrefour S.A. Será? Como já disse Diniz à FORBES Brasil, “não basta ser *good*, tem que ser *great*. Menos desculpas e mais ações. No meu vocabulário não existe a frase ‘não dá para ser bom em tudo’”, garantiu o empresário há mais de dez anos longe de cargos executivos. Mas, como o mercado mesmo presenciou, mais ativo do que nunca. **FT**



A sigla BTG significa Banking and Trading Group. Porém, mais de uma vez o chairman e também CEO da instituição, André Esteves, brincou que na verdade tais letras são as iniciais da frase “*Better Than Goldman*” – ou seja, “Melhor que o Goldman”. No caso, a referência é ao americano Goldman Sachs, considerado o mais importante banco de investimentos do mundo. De fato, o BTG Pactual (nome completo da empresa) é hoje o maior banco de investimentos independente da América Latina e só tem feito crescer desde setembro de 2009, quando Esteves e outros executivos o criaram em sua forma atual. Nascido em 1969 no Rio de Janeiro em uma família de classe média, Esteves formou-se em ciências da computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Seu estilo de gestão baseia-se sobretudo no conceito de meritocracia: os maiores ganhos de seus funcionários geralmente não vêm dos salários, mas de bônus periódicos atrelados à geração de resultados. Aqueles que mais se destacam viram sócios do banco. Esteves já definiu no passado o BTG nos seguintes termos: “Nosso papel é ser o óleo da engrenagem da economia brasileira”. Depois de ter chegado à condição de bilionário antes dos 40 anos, o executivo enfrenta hoje aquele que talvez seja o maior desafio de sua carreira: superar as dificuldades da economia do país e, principalmente, os impactos que a crise do setor de óleo e gás possam ter nos números de seu grupo. Ele, porém, não se abala (“Quem investe em exploração de petróleo tem de estar preparado para altos retornos e eventuais decepções”, disse certa vez). Agora, todos os olhos do mundo das finanças nacionais estão voltados para Esteves, à espera de que, mais uma vez, ele os surpreenda. **AR**

